

NAS SOMBRAS DA ODISSÉIA E ENEIDA: OS MITOS COMO CONSTRUTORES DE IDENTIDADES NO MUNDO ANTIGO

Paulo Souto Maior Júnior¹
Janáina dos Santos Maia²

Resumo: Este texto procura pensar a importância dos mitos como construtoras de uma identidade do que era ser grego e romano no mundo antigo. Para isso, lançamos mão do livro Odisseia, de Homero e Eneida, de Virgílio com o propósito de observar os pontos de conexão entre ambos, bem como de que maneira eles se referem ao mundo se valendo de mitos vindos da tradição oral. Nesse sentido será efetuado um diálogo com outros autores da época na tentativa de solucionar a tese problematizada neste artigo.

Palavras-chave: Odisseia – Eneida – História Antiga – Mitos – Identidade

Abstract: This paper seeks think the importance of the myths as a construction of identity that was to be in the Greek and Roman ancient world. For this, we used the book Odyssey of Homer and Aeneid of Virgil with the purpose of observing the points of connection between them, as well as how they relate to the world taking advantage of myths coming from the oral tradition. This direction will be made in dialogue with other authors of the time in an attempt to resolve the thesis problematized in this article.

Keywords: Odyssey - Aeneid - Ancient History - Myths - Identity

Talvez sejam a *Iliáda* e a *Odisseia* de Homero e a *Eneida* de Virgílio as principais fontes de conhecimento sobre a antiguidade. Observar como era construída a memória no passado, como era transmitida, sentida e professada é, antes de quaisquer análises, debruçar-se nos mitos, no ofício dos aedos e rapsodos, viajar do Partenon ao Coliseu, atentando para os ínfimos traços que compunha a vida do povo greco-romano. Este povo que se aproxima da história como astutos, guerreiros, sábios são por Clío usado para enfatizar as raízes de elementos da sociedade contemporânea.

Homero seria um homem barbudo, cego que escrevia seus poemas na Jônia entre o fim do século IX e o início do século VIII a.C. Este Homero, acredita-se, seria o autor da *Iliáda* e da *Odisseia* – controvérsias à parte. E se era mesmo cego, ou se foi estigmatizado como tal, é porque os antigos acreditavam que a memória de um homem era mais capacitada quando esse se encontra desprovido de visão. As obras de Homero

¹ Mestrando em História UFPE (paulosoutom@gmail.com)

² Mestranda em História UFCG (janainamaiajd@hotmail.com)

estabelecem entre si uma relação de causa e consequência, e em ambas percebemos que Ulisses é esperto. Na *Iliada* propõe o desfecho da guerra ao inventar um cavalo de madeira que seria dado aos troianos como oferenda divina por estes terem “vencido” a guerra, em seguida vive os mais variados empecilhos em seu retorno para Ítaca. A *Odisséia* é um poema que data da Grécia arcaica. O período histórico na qual ela se constrói toma como ponto de referência a guerra de Tróia que se passou por volta de 1180 a.C., seguida pelas aventuras vividas por Ulisses ao regressar a Ítaca, sua terra de origem. Em 24 cantos e 12.000 versos hexâmetros, escreve-se, sobretudo é representada a vida doméstica e são cantadas aventuras, ousado dizer e peço permissão ao leitor, eletrizantes.

No texto “O homem de Homero” Pierre Vidal Naquet nos apresenta o meio pelo qual as narrativas eram contadas e transmitidas na Grécia antiga. Homéridas eram comuns na ilha de Quios, homens que se diziam descendentes de Homero, e juntos constituíam os rapsodos, que cantavam os poemas do seu “antepassado”. Mas o leitor irá indagar: os rapsodos são, portanto, um outro nome para os aedos? Não, os rapsodos, segundo Vidal Naquet, recitam apenas o poeta épico do seu antepassado. Os aedos têm um pouco dos trovadores medievais, posto que cantavam os poemas acompanhados de um pequeno instrumento de cordas, a “phórmix”. Só para enfatizar, a palavra aedo vem do grego e significa “cantor”. Evitemos cair nas armadilhas da memória. Tanto a *Iliada* como a *Odisséia* foram produzidos para serem recitados, “para um auditório de homens ricos e poderosos, capazes de ir à guerra da cabeça aos pés” (VIDAL NAQUET, p.15).

Geralmente recorremos a Deus quando precisamos. Os gregos procuravam os deuses conforme os dias e as noites, conforme as suas necessidades, especialmente quando eclodiam as catástrofes. Ciente desse papel “salvador” Homero inicia os seus dois poemas se dirigindo à divindade, a Musa, filha da deusa Memória, que conhece o futuro, o porvir. Na *Iliada* o único herói a cantar às “depositárias da poesia” é Aquiles. Na *Odisséia* há o inverso, surge vários aedos, inclusive Ulisses, que está atento a todo o momento aos perigos imprimidos pelos seres mitológicos e pela mulher que se faz presente na poesia, na escrita, uma tríade de perigo.

A composição de Homero é algo colossal. O autor escreve num presente momento e, ao mesmo tempo, navega no oceano dos versos futuros. A divisão em cantos data-se da época alexandrina, século III a.C. cada verso é formado por seis medidas. Há além de um acento intenso, um acento melódico. A importância de Homero encontra-se

também na alfabetização dos jovens gregos. O texto era apresentado, e com ele aprendia-se a ler.

Muitas questões são tecidas hoje, acompanhadas de críticas, sobre a veracidade da maior guerra da antiguidade relatada por Homero, a Guerra de Tróia. Primeiro, escavações comprovam que não havia apenas uma Tróia, mas cerca de uma dezena delas. A Tróia que existiu na época em que Homero escreveu a obra (século VIII a.C.), é uma cidade sem muita importância, com muralhas não tão resistentes. Segundo, é inconcebível que a Guerra tenha durado dez anos, a disciplina militar não agüentaria tanto tempo (não se sabe de nenhuma outra guerra na época, que tenha durado mais que alguns meses). Terceiro, os soldados gregos ficariam tanto tempo acompanhado de seus reis acampando na praia?

As tentativas de seduzir Odisseu vêm não apenas dos cantos das sereias, mas também das deusas, à exemplo de Circe e Calipso, que receberam Ulisses no seu leito. Circe tem o poder de transformar os homens em porcos. Ulisses só não vira porco, pois foi avisado por Hermes. Calipso lhe oferece a cama e, conseqüentemente, a naturalização divina, o protagonista da Odisséia recusa a proposta, prefere ficar humano e reencontrar Penélope. Atentemos para este momento da narrativa:

Todos os que conseguiram fugir da precipite morte
já se encontram na pátria, da guerra e do mar, enfim, salvos,
menos um só, que, da esposa saudoso e do dia da volta,
a venerada Calipso detinha na côncava gruta,
deusa entre as deusas, que ardia de desejos de o ter por marido.
(Odisséia; canto I.).

Ao analisarmos os diálogos com Calipso, fica nítido que “em culturas díspares, não só os invólucros animais, mas também, de modo mais geral, o que envolve, encerra, cobre aparecem de algum modo ligados a morte. Isso foi demonstrado, no plano lingüístico, partindo do nome de Kalipso, a deusa amada por Ulisses: ‘aquele que cobre’; ‘a que vela’³

O caráter religioso presente na Odisséia é motivo central para o desenrolar da trama. Trata-se de um sistema mítico-religioso. Atena inaugura uma solução. Vai-se ajudar Ulisses ou permitir que tente sozinho escapar do mundo de perigos, ciclopes,

³ GINZBURG, Carlo; *História Noturna*; pp.247; Companhia das Letras-2007.

sereias? A deusa volta seus bons olhos para o herói, indaga a Zeus se ele merece tanto sofrimento.

Atena decide-se ajudar Ulisses, para tanto usará de um disfarce cujo objetivo é convencer o jovem Telêmaco, filho de Ulisses, a se aventurar em busca do seu pai, o que irá figurar como uma solução para a questão da própria “governabilidade” do palácio, bem como à Penélope e o “assédio” de vários pretendentes. O jovem Telêmaco reúne todo o povo de Ítaca e anuncia que vai em busca do pai solicita, para a aventura, um barco. O povo, especificamente os homens, fica ainda mais seduzido em desposar Penélope. Atena aparece novamente, na forma do amigo de Mentor, amigo de Ulisses, o qual equipa um barco e parte com Telêmaco em busca do grande rei de Ítaca. Nesse instante Atena já é a própria deusa, reconhecida por Telêmaco. Passarão por diversos lugares, à exemplo de Pilos, na casa de Menelau, onde não consegue nenhuma informação sobre o paradeiro de Ulisses, ao mesmo tempo esta passa por fantásticas aventuras.

Continuando suas aventuras, nosso herói sacrifica uma ovelha negra e tem contato com os mortos que “não comem pão, mas bebem sangue”. Lá encontra Tirésias, este anuncia a Ulisses suas futuras viagens, encontra seus familiares e companheiros de combate. Trata-se de um momento significativo da narrativa, o herói está mais afastado da vida e da humanidade.

Entender a *Ilíada* é, sobretudo, saber que se trata de um poema épico cuja maior importância é a guerra. O efeito sobre a *Odisséia* consiste em que esse texto é o poema da paz. O poder do retorno acompanha Ulisses no combate, não importando para ele o conflito, mas o fim deste e a volta para o “leito conjugal fixado numa oliveira que não pode ser arrancada”(pp.52; Vidal Naquet).

Existem referências a algumas respostas típicas do cotidiano. Aparecem na *Odisséia* os especialistas do comércio: fenícios e tálios. Tais comerciantes são desprovidos de visibilidades. Afirmação contundente especialmente se tomarmos a ilha dos feaces, onde só os aristocratas falam e possuem nomes evocatórios que os colocam na categoria dos armadores ou dos especialistas em navegação. Há ainda descrições de jardins, “lugares onde a terra é tratada com arte” (pp.120; Vidal Naquet). Remeter-mos no aspecto rural é afortunado, percebe-se um trato maior com o campo, com o cultivo, uma mudança dos pastores em tratar a terra.

Há uma conexão histórica com a literatura moderna de Fernando Pessoa, que no livro *Mensagem* apresenta um poema, acredito de nome Ulisses, cito da memória, por

consequente um pouco impreciso, onde encontramos o verso “O mito é o nada que é tudo”. Tal verso está longe de associar-se tão somente a uma concepção literária, o mito é nada por ser uma invenção e é tudo porque dessa invenção elucida verdades e as fundamenta. Daí também se pode tirar que existe vários Ulisses. O poeta português associa o herói da *Iliada* as pessoas que se esfacelam no século XX. O Ulisses do século XX acredita que a observação e a razão conduzirão ao plano escapatório? Será que a solidão e a dor condicionam um conhecimento de fuga inteligente? Embora não possamos responder não a essas questões a analogia de um poema antigo usado em representações da contemporaneidade são evidentes.

Nosso herói Odisseu resiste ao sofrimento e a dor usando para isso sua racionalidade. Supera-se a si mesmo, supera aos outros, os obstáculos e a dor no todo. Afirma-se, portanto, a potencialidade humana. Ítalo Calvino escreveu no seu livro “Por que ler os clássicos?”, no capítulo “As odisséias na Odisséia” linhas sobre a presente questão. Vejamos o que escreve o historiador: “Se tradicionalmente o herói épico era um paradigma de virtudes aristocráticas e militares, Ulisses é tudo isso e ainda mais, é o homem que suporta as experiências. mais duras, as fadigas, a dor e a solidão” (CALVINO, 1993, p. 23).

A quantidade de mitos está longe de ser compacta. A prova disso reside no lembrar, onde se faz útil o papel a deusa Mnemósine, personificação da “memória”, pois esta sabe “tudo o que foi, tudo o que é, tudo o que será”. O poeta ao escrever os primórdios, as origens, encontra-se possuído pelas deusas, o objetivo é descobrir o original, atingir as profundezas do fato. Fica evidente na *Odisséia* o papel da memória que resgata realidades míticas a fim de fundamentar o mundo. O aedo seja das histórias de Homero ou de outros autores tem o privilégio de manter um contato com o outro mundo. A partir desse instante a noção de certeza incontestável passa a ser discutida, haja vista que o esquecimento não simboliza mais a morte, mas o retorno à vida, o vir-a-ser.

O transcorrer do tempo difunde crenças, as renova, modifica. Da mesma forma ocorre com os mitos que dada a época passa a ter conotações ambíguas. Na Grécia antiga tal papel merece atenção maior. Para eles o mito não só inspira como guia a tragédia, a comédia, a poesia épica e as artes plásticas. No entanto os helenos souberam analisar o mito tornando-o “desmistificado”. Talvez por isso convencionassem o mito a uma ficção, associação viva até hoje.

A perspectiva mitológica envolve a memória e a recordação distinguindo-as. Analisemos como Platão coloca a questão: “Para aqueles que esqueceram, a rememoração é uma virtude; mas os perfeitos não perdem jamais a visão da verdade e não têm necessidade de rememorar”⁴. De um lado fica a recordação (anamnesis), do outro a memória (mneme). A memória sobrepõe a recordação, afinal recordar é sinônimo de esquecer.

Especulando-se esta análise vemos a relação de perfeita completude entre Mnemósine e o aedo, trata-se de um contato com o outro mundo, uma transitoriedade viva com as lembranças “mortas”. O passado é revelado não como antecedente do presente, mas como sua fonte, vinda de uma dimensão, do além. A inversão das questões acontece: o esquecimento não é mais prenúncio a morte. É o próprio retorno à vida

É significativo o papel de Homero enquanto resgatador de eventos grandiosos sobre a terra. Ele mostra ser possível recuperar o passado. Aquele a quem Platão atribuiu a educação de toda a Grécia não era mitógrafo nem teólogo, mas soube como poucos associar essas duas vertentes ao ato de narrar. Suas obras, acredita-se, articulou e unificou a cultura grega. O autor fundamentou a história não com os mitos, mas com o olhar para o homem que passou, conseqüentemente à memória.

Virgílio se faz marcar por sua obra “Eneida”. Escreveu uma epopéia nacional dos romanos. Sabemos que a epopeia é um texto com um herói, geralmente envolve um grande acontecimento, constantemente uma guerra, sendo uma narrativa do vencer e da paz. Na Eneida fundamenta a glorificação da grandeza de Roma, a partir de uma lenda popular que conta a vinda de Enéias para a Itália, desse provinham os romanos. Em 12 cantos, mais especificamente 9826 versos, estilizados no verso heróico, ou seja, hexâmetros, o livro tem caráter mitológico e histórico, e que, não esqueçamos, seria assimilado por grandes nomes da literatura universal.

Ora lendário por tratar de um herói é o construir tomando por base lendas do povo romano, ora histórico por apresentar argumentos a fim de exaltar Roma e Augusto, enfocando não somente os feitos do imperador, mas também do povo. E por que não dizer mitológico? Simplesmente porque a história de Enéias não se constitui mito, pois não está ligada diretamente à criação. Afinal esta foi a intenção a priori do poeta, ou melhor de Augusto, o qual desejou uma obra latina por excelência e de tamanha capacidade aponto de equiparar-se à *Ilíada* e a *Odisséia*. Virgílio procurou retratar

⁴ *PLATÃO; Fedro; pp.25; Martin Claire.

também aspectos da sociedade latina, a religião e o pensar em particular. O primeiro canto ocupa-se em relatar a “viagem” de Enéias de Tróia a Cartago.

As aventuras envolvem tempestades que atingem os navios de Enéias, e os desvia para a África, graças à intervenção dos deuses Enéias chega a Cartago, onde conhece Dido. Segue o segundo e terceiro canto com um relato sobre os acontecimentos da guerra de Tróia, a fuga da guerra e o desaparecimento de sua esposa Creúsa. O canto quarto mostra a influência de Eros, é o canto do deslumbramento e da paixão por Dido, o caso sofre intervenção divina. Júpiter solicita que Mercúrio lembre ao herói o seu papel, este segue em frente sendo amaldiçoado por Dido que se suicida.

No canto V realiza homenagens fúnebres para o seu pai Anquises. Já em Cumas encontra a sacerdotisa de Apolo, a qual dá permissão para ele entrar para o mundo dos mortos. Lá encontra Anquises que o aconselha sobre o futuro de Roma. Percebe-se, com tudo isso, que Virgílio conseguiu delinear a identidade do povo romano e justificar fatos históricos, a partir dos mitos e lendas da Fundação de Roma.

Antes de Virgílio Roma contava com Ênio, em alguns momentos “segundo Homero”. O fato é que Roma ainda não possuía um poema ao nível da *Iliada* e da *Odisséia*. Propõe Promécio que há um poema capaz até mesmo de ultrapassar Homero.

Observemos tamanha semelhança da obra de Virgílio com as obras homéricas, um misto de tradições latinas e de fábulas gregas. Não é à toa que os seis primeiros cantos da narrativa de Enéias, possui semelhanças bastante evidentes com a *Odisséia*. Os protagonistas descem ao inferno, há interstícios de amor e vivem aventuras no mar e na terra. É inegável o diálogo estabelecido a todo o momento nos versos de Virgílio, trata-se de um jogo intertextual constante. Poema querido por seus tons trágicos, poema de uma visão nada maniqueísta tampouco otimista do “kosmos”. A epopéia encontra-se repleta de sofrimentos e sacrifícios no desenvolver da aventura de Enéias. O protagonista preocupado com seu papel enquanto individuo deixa os seus sentimentos em segundo plano de forma tal que não há final feliz na *Eneida*.

Enéias havia escapado da matança levando seu pai (Anquises) nas costas. O príncipe reuniu guerreiros e com esses embarcaram em direção às costas da Itália. Na fuga muitas das naus soçobraram. Algumas conseguem chegar a uma região chamada Cartago, dentre elas a de Enéias. Ao nos relatar a Guerra de Tróia o faz com sutil “verossimilhança”.

A ressonância Virgiliana a respeito da origem de Roma comprova mais uma ideia para o nascimento da maior potência do mundo antigo. Enéias é filho de Anquises e Afrodite. Sua descendência divina remota não apenas a deusa do amor como também o seu próprio pai, descendente de Zeus. Talvez por essa questão fundamentando as origens:

[...] desde os Poemas Homéricos, Enéias surge como um herói protegido pelos deuses, aos quais obedece respeitosamente, estando-lhe reservado um destino grandioso: nele repousa o futuro da raça troiana. Todos estes elementos serão retomados por Virgílio na Eneida e interpretados no quadro da lenda romana. (GRIMAL, 1990, p.135).

Mitos e lendas povoam o imaginário dos povos sobre a origem de Roma. Uma primeira hipótese nos conta que Roma teria sido fundada por Enéias enquanto uma outra relata que Enéias possuía quatro filhos: Ascânio, Eurileonte, Rômulo e Remo. Muito obviamente a mais difundida é a história virgiliana. Tito Lívio nos conta outra versão acerca “do maior império do mundo abaixo do poder dos deuses” (História de Roma; pp.25). Nos primórdios uma vestal deu à luz dois gêmeos, os três seriam fruto da crueldade de um rei. A pobre mãe teria sido presa, seus filhos atirados na correnteza de um rio. O berço abrigando os famosos Rômulo e Remo parou em um lugar seco. Da floresta saiu uma loba a qual não tardou em oferecer leite do seu peito. Essa inesperada e momentânea maternidade cedeu espaço Larência entrar na história, esta recebeu de Fáustulo os bebês. Alguns falam que Larência era uma prostituta, ou como chamavam os pastores uma “loba”. As crianças cresciam sob a égide da ambição e depois de assassinar o rei subiram ao trono até que Rômulo matou Remo para reinar sozinho. É o que nos conta Tito Lívio sobre a fundação de Roma.

Cabe aqui uma discussão acerca dos mitos. Num primeiro momento e Tito Lívio escreve isso, uma história mítica sobre origens está ligada a cosmogonia, inclusive do ponto de vista da estrutura conforme coloca Mircea Eliade. Bem como todo mito de origem conta uma situação nova (que era inexistente no início do mundo). Há, naturalmente, uma relação com a história, relação que nasce do mito enquanto um relato de história sagrada, a partir do momento que Entes Sobrenaturais fizeram com que algo de importante e duradouro torna-se real. Mircea Eliade escreveu em seu brilhante livro “Mito e Realidade” que o essencial precede a existência. O que oculta tal afirmação indagará o leitor. O mitólogo constrói seu argumento usando-os não só para as sociedades antigas, junta a essas o judeu, o cristão, o muçulmano. O homem, propõe o autor, é hoje fruto do que sabe das origens, haja vista que os mitos contam-lhe esses eventos e explica

porque ele foi construído dessa maneira. Sempre a origem é uma história divina, pois os mitos são ou ancestrais míticos ou seres sobrenaturais. O mito construiu Roma e Roma mitificou o mundo segundo suas crenças da origem, suas lendas, seus pretéritos.

A Eneida é um poema patriótico sim! E para ser realizado o sentido patriótico o autor recorreu há algo incessante e presente nas epopéias que é o amor enquanto um misto de perigo, divino e maravilhoso. Une-se a esse elemento uma graça melancólica que acabará por imperar a mitologia de fundação e construção dos arquétipos da futura Roma bem como dos seus integrantes.

O nosso herói da Eneida é um homem que têm uma missão, preocupa-se com o seu dever. E ajudado por uma intervenção divina abandona Dido, rainha de Cartago, e esse amor torrencial finaliza-se ao modo da obra, tragicamente. E não se vê de uma vez por todas as ambições em Enéias caso contrário optaria por Dido e se tornaria rei de Cartago. Sua meta é fundar Roma. Atermo-nos-emos ao caráter racional do protagonista, acima do sentimental, o fundador de Roma aparece em quase toda narrativa como um homem íntegro, de caráter, honesto. O Valor desse homem se faz presente também no Livro V, quando dos ritos fúnebres em honra do seu pai. O herói é digno e por isso representa o povo romano, povo este que deve ter tais valores a fim de enaltecer a região da própria Roma e mais especificamente o administrador do momento, o imperador Augusto. Em resposta Dido se suicida, mas antes do seu fim anuncia como um dos seus feitos finais lançar uma praga para se vingar dos troianos. Chega-se a uma “possível” “hipótese” das Guerras Púnicas.

Como diz o colega Durval Muniz “devemos sempre libertar as imagens e enunciados do passado, os temas que o constituíram, os conceitos que o interpretam, de seu sentido óbvio, problematizando-os”. Nesta oficina que o leitor tem em mãos procurei resgatar na Odisséia e na Eneida um pouco da poética mitológica e lendária desses textos. Mais que obras de referência, trazem-nos uma dimensão de construção e invenção de um povo, numa dada época.

Seria incongruente não mencionar que o mundo de hoje muito herdou do mundo greco-romano, de um povo que nasceu, viveu, manteve relações, acreditaram no não ver à luz de um mito, ou melhor, de uma amostra do passado e aí a memória desempenha o papel do ter para si, o aedo de transmitir. O que se chama de contemporaneidade é um todo complexo fruto de raízes, dos mitos de origem.

O problema dos mitos, lendas, memória na antiguidade antes de ser problematizado em resoluções teóricas, deve ser lido livremente, soprado nos ventos frios de um passado distante num presente (re)vivido. A partir daí as discussões emergem para incendiar debates calorosos entre nós que assim como Heródoto fazemos e conduzimos a e na história: “a fim de que as façanhas dos homens não se percam no curso dos tempos”

BIBLIOGRAFIA

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos? São Paulo: Companhia das Letras, 1993

CORASSIN, Maria Luiza. *Sociedade e política na Roma antiga*. São Paulo: Atual, 2001.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2007. GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Lisboa:Edições 70, 1993

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GINZBURG, Carlo. *História Noturna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Lisboa:Edições 70, 1993]

HERÓDOTO. *Histórias*. Brasília: UNB, 1989

HOMERO. *Odisséia*. Rio de Janeiro: Ediouro.

JAEGER, Werner Wihelm. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2009

LIVÍO, Tito. *História de Roma*, Volume Primeiro. São Paulo: Paumape,1989.

NAQUET, Pierre Vidal. *O mundo de Homero*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SHENKMAN, Richard. *Lendas, mitos e mentiras*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

VIRGÍLIO. *Eneida*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.